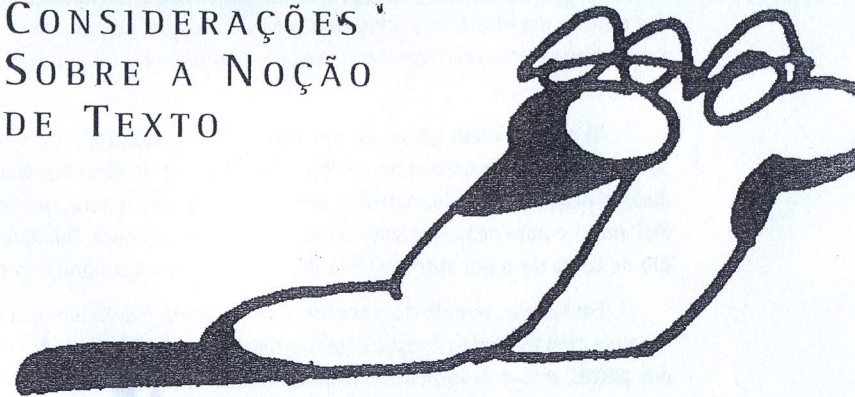


LIÇÃO 1

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE TEXTO



Leia o texto abaixo, uma tira de *As cobras*, de Luís Fernando Veríssimo:



Zero Hora. Segundo Caderno, 13 fev. 1995.

A leitura do primeiro quadrinho, isolado do segundo, deixaria o presidente Fernando Henrique e sua equipe muito gratificados, já que sua administração recebe nota máxima (dez) na avaliação de um dos interlocutores do diálogo aí transcrito.

Confrontado com o segundo, no entanto, o significado do quadrinho um se altera consideravelmente e provoca decepção. *Dez* passa a ser lido como um indicador de velocidade e não como a nota máxima de uma escala convencional. Com a quebra de expectativa criada pelo quadrinho um, produz-se um efeito de humor, e o texto, no seu todo, passa a ser uma sátira à lentidão com que se tomam as decisões do governo.

Essa tirinha é exemplar para demonstrar dois dados importantíssimos na leitura de um texto:

a) num texto, o significado de uma parte não é autônomo, mas depende das outras com que se relaciona. Tanto é verdade que, no caso da tirinha acima, fomos obrigados a reinterpretar o sentido do quadrinho um, quando o confrontamos com o dois.

b) o significado global de um texto não é o resultado de mera soma de suas partes, mas de uma certa combinação geradora de sentidos. Não fosse esse dado, o pequeno texto humorístico admitiria a seguinte leitura: que o governo de FHC merece nota dez e que anda a dez quilômetros por hora. Qualquer leitor médio de texto diria que interpretá-lo dessa forma significa não tê-lo entendido.

Em síntese, num texto o sentido de cada parte é definido pela relação que mantém com as demais constituintes do todo; o sentido do todo não é mera soma das partes, mas é dado pelas múltiplas relações que se estabelecem entre elas.

Ao explicar o sentido da tira aqui reproduzida, usamos diversas vezes a palavra *texto*. Mas o que é um texto? Essa palavra é bastante usada na escola e mesmo fora dela. É muito freqüente ouvirmos frases como *seu texto ficou muito bom*; *o texto sobre o qual versaram as questões da prova de Português era muito longo e complexo*; *os atores de novela devem decorar textos enormes todos os dias*; *o texto constitucional desceu a detalhes que deveriam estar em leis ordinárias*. Apesar do uso corrente da palavra, o conceito de texto não é tão simples: mesmo para aquelas pessoas habituadas a empregar esse termo com freqüência.

Começemos por definir quais são as propriedades de um texto:

1

A primeira é que ele tem coerência de sentido. Isso quer dizer que ele não é um amontoado de frases, ou seja, nele, as frases não estão pura e simplesmente dispostas umas após as outras, mas estão relacionadas entre si. É por isso que, nele, o sentido de uma frase depende do sentido das demais com que se relaciona. O exemplo do texto com que iniciamos esta lição mostra de maneira simples e clara que o sentido de qualquer passagem de um texto é dado pelo todo. Se não levarmos em conta as relações de uma frase com as outras que compõem o texto, corremos o risco de atribuir a ela um sentido oposto àquele que ela efetivamente tem.

Uma mesma frase pode ter sentidos distintos dependendo do contexto dentro do qual está inserida. Precisemos um pouco melhor o conceito de texto. É a unidade maior em que uma unidade menor está inserida. Assim, a



ABCD, colagem de Raoul Hausmann, de 1922.

frase (unidade maior) serve de contexto para a palavra; o texto, para a frase, etc. O contexto pode ser explícito, quando é expresso com palavras, ou implícito, quando está embutido na situação em que o texto é produzido. Quando Lula disse a Collor no primeiro debate do segundo turno das elei-

O princípio da coerência de sentido pode se observado mesmo em quadros construídos a partir de fragmentos aparentemente desconexos. Nesta colagem do início do século, a profusão de elementos traduz o atordoamento do homem da época diante do massacre, por vezes indiscriminado, de informações.

ções presidenciais de 1989 *Eu sabia que você era collarido por fora, mas caído por dentro*, todos os brasileiros entenderam que essa frase não queria dizer *Você tem cores por fora, mas é revestido de cal por dentro*, mas *Você apresenta um discurso moderno, de centro-esquerda, mas é reacionário*. Como foi possível entender a frase dessa maneira? Porque ela foi colocada dentro do contexto dos discursos da campanha presidencial. Nele, o adjetivo *collorido* significava "relativo a Collor", "adepto de Collor"; Collor apresentava-se como um renovador, como alguém que pretendia modernizar o país, melhorar a distribuição de renda, combater os privilégios dos mais favorecidos; Ronaldo Caiado era o candidato mais à direita, defendia a manutenção do *statu quo*, etc. As frases ganham sentido, porque estão correlacionadas umas às outras.

Um texto é, pois, um todo organizado de sentido. Dizer que ele é um todo organizado de sentido implica afirmar que o texto é um conjunto formado de partes solidárias, ou seja, que o sentido de uma depende das outras.

Que é que faz que um conjunto de frases forme um texto e não um amontoado desorganizado? São vários os fatores. Citemos por enquanto dois. O primeiro é a coerência, isto é, a harmonia de sentido de modo que não haja nada ilógico, nada contraditório, nada desconexo, que nenhuma parte não se solidarize com as demais. A base da coerência é a continuidade de sentido, ou seja, a ausência de discrepâncias. Em princípio, seria incoerente um texto que dissesse *Pedro está muito doente. O quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos*. Essa incoerência seria dada pelo fato de que não se percebe a relação de sentido entre as duas frases que compõem o texto. Um outro fator é a ligação das frases por certos elementos que recuperam passagens já ditas ou garantem a concatenação entre as partes. Assim, em *Não chove há vários meses. Os pastos não poderiam, portanto, estar verdes*, o termo *portanto* estabelece uma relação de decorrência lógica entre uma e outra frase. Esse segundo fator é menos importante que o primeiro, pois, mesmo sem esses elementos de conexão, um conjunto de frases pode ser coerente e, por conseguinte, um todo organizado de sentido. Observe o texto abaixo, de Carlos Drummond de Andrade:

O QUE SE DIZ

Que frio! Que vento! Que calor! Que caro! Que absurdo! Que bacana! Que tristeza! Que tarde! Que amor! Que besteira! Que esperança! Que modos! Que noite! Que graça! Que horror! Que doçura! Que novidade! Que susto! Que pão! Que vexame! Que mentira! Que confusão! Que vida! Que talento! Que alívio! Que nada...

Assim, em plena floresta de exclamações, vai-se tocando pra frente.

Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983. p. 1379.

Faltam elementos de ligação entre as partes no primeiro parágrafo, mas a última frase, *Assim, em plena floresta de exclamações, vai-se tocando pra frente*, produz a unidade de sentido. O texto deixa de ser um amontoado aleatório de exclamações, adquirindo coerência e, dessa forma, mostrando o caráter estereotipado de nossa linguagem cotidiana.

2

A segunda característica de um texto é que ele é delimitado por dois brancos. Se o texto é um todo organizado de sentido, ele pode ser verbal (um conto, por exemplo), visual (um quadro), verbal e visual (um filme) etc. Mas, em todos esses casos, será delimitado por dois espaços de não-sentido, dois brancos, um antes de começar o texto e outro depois. É o espaço em branco no papel antes do início e depois do fim do texto; é o tempo de espera para que o filme comece e o que está depois da palavra *Fim*; é o momento antes que o maestro levante a batuta e o momento depois que ele a abaixa, etc.



Sagrada Família, pintura de Michelangelo, de 1504

Durante séculos, a moldura dos quadros cumpriu a função de isolá-los do entorno, visando a estabelecer com nitidez um campo para o olhar, ou seja, um espaço de significação, da mesma forma que os brancos antes e depois de um texto verbal.

3

O texto é produzido por um sujeito num dado tempo e num determinado espaço. Esse sujeito, por pertencer a um grupo social num tempo e num espaço, expõe em seus textos as idéias, os anseios, os temores, as expectativas de seu tempo e de seu grupo social. Todo texto tem um caráter histórico, não no sentido de que narra fatos históricos, mas no de que revela os ideais e as concepções de um grupo social numa determinada época. Cada período histórico coloca para os homens certos problemas e os textos pronunciam-se sobre eles. Por exemplo, em nossa época, em que os recursos naturais do planeta correm o risco de esgotar-se, aparece o discurso ecologista que mostra a necessidade de preservar a natureza com vistas à manutenção da espécie humana.



Cem latas, pintura de Andy Warhol, de 1962.

O próprio fato de escolher um produto de consumo diário — no caso, uma lata de sopa — para com ele construir uma pintura é uma forma de representar certo estágio de desenvolvimento atingido por uma sociedade.

b) uma leitura, de um lado, não pode levar em conta o que não está no interior do texto e, de outro, deve levar em consideração a relação, assinalada, de uma forma ou de outra, por marcas textuais, que um texto estabelece com outros.

Não há texto que não mostre o seu tempo. Cabe lembrar, no entanto, que uma sociedade não produz uma única forma de ver a realidade, um único modo de analisar os problemas colocados num dado momento. Como ela é dividida em grupos sociais, que têm interesses muitas vezes antagônicos, produz idéias divergentes entre si. A mesma sociedade que gera a idéia de que é preciso pôr abaixo a floresta amazônica para explorar suas riquezas, produz a idéia de que preservar a floresta é mais rentável. Cabe lembrar, no entanto, que algumas idéias, em certas épocas, exercem domínio sobre outras, ganhando o estatuto de concepção quase geral na sociedade.

É necessário entender as concepções existentes na época e na sociedade em que o texto foi produzido para não correr o risco de compreendê-lo de maneira distorcida.

Como as idéias só podem ser expressas por meio de textos, analisar a relação do texto com sua época é estudar as relações de um texto com outros.

Poderíamos dizer que um texto é, pois, um todo organizado de sentido, delimitado por dois brancos e produzido por um sujeito num dado espaço e num dado tempo.

Duas conclusões podemos tirar dessa noção:

a) uma leitura não pode basear-se em fragmentos isolados do texto, já que o significado das partes é determinado pelo todo em que estão encaixadas;